

Variáveis semióticas do espaço na cultura de meios¹

Irene Machado²

Universidade de São Paulo

Resumo. Seguindo os pressupostos da semiótica da cultura segundo os quais “todos os meios e processos de comunicação não são apenas potencialmente criadores de espaço, como também definem a natureza espacial dos seres que nele interagem”, examina-se aqui o espaço semiótico modelizações pelas variações de códigos lingüísticos e dos meios elétricos de comunicação. Chega-se assim à configuração do espaço ressonante como variável de espaço na tecnocultura.

Palavras chave: Espaço semiótico. Ressonância. Visualidade. Meios. Fronteira. Geopolítica.

Introdução

Quando situamos a preocupação central desse trabalho – a relação entre comunicação e espaço – no âmbito daquilo que Edward T. Hall denominou de proxemia, isto é, dos estudos dedicados ao “uso que o homem faz do espaço como elaboração especializada da cultura” (HALL, 1977, p. 13), somos desafiados a esclarecer de que tipo de elaboração especializada tratamos aqui. Afinal, o tema de nossa investigação segue a linhagem dos trabalhos “em que a comunicação constitui o núcleo da cultura” (HALL, 1977, p. 13), todavia, pesa nessa definição, pelo menos, uma distinção a saber: comunicação constitui um conjunto de manifestações não limitados à troca lingüística em torno da qual gravitam todos os demais sistemas culturais. Integram esse conjunto interações diversificadas com o ambiente, meios e agentes mediadores de natureza técnica. Neles os signos agem em circuitos, não apenas de troca, mas de ampliação de informação e possibilidades comunicativas. Com isso, os mediadores definem o uso cultural do espaço introduzindo uma dinâmica distintiva de relações em que a multiplicação dos códigos, favorecida pelos meios técnicos, se torna um potencial processador tanto de linguagens quanto de sistemas de cultura. Em nome de uma dinâmica assim configurada, não apenas o uso do espaço como também os modos operacionais desse uso, se tornam os principais agentes de transformação. Em última análise: o próprio espaço se transforma.

Diríamos, pois, que esse estudo está inserido no campo das pesquisas sobre comunicação e cultura mas o problema de sua inquietação emerge das transformações ocorridas quando da ampliação dos códigos culturais cujo raio de ação colocou em

¹ Trabalho submetido ao GP Semiótica da Comunicação para apresentação no Grupo de Pesquisa ou evento do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz de Iguaçu, 2014.

² Livre Docente em Ciências da Comunicação pela USP. Pesquisadora CNPq PQ-ID. irenemac@uol.com.br

evidência não apenas a diversidade de seus espaços como também as variáveis de sua constituição. Vale esclarecer, ainda que possamos correr o risco de redundância, que empregamos o termo variável no sentido matemático: elemento que pode assumir diferentes valores ou configurações. Caso do que entendemos com as transformações a que se submete o espaço quando a diferença de uso decorre do desenvolvimento de diferentes sistemas de signos, como sugere nossa investigação. Quando se tem no horizonte as variáveis semióticas não se trata de focalizar as mudanças ou variações do ou no espaço, mas de alcançar uma outra dimensão de espaço.

Nesse sentido, às variáveis do espaço no contexto do uso lingüístico se contrapõem as variáveis do espaço no ambiente gerado pelos meios de comunicação. Ainda que haja implicação mútua entre os diferentes sistemas, há de se considerar as distintas variáveis semióticas na produção de espaços culturais. Dentre tais variáveis a que mais de perto interessa a esse trabalho é a emergência do espaço do ponto de vista de códigos cuja base operacional provem de circuitos de ressonância. Trata-se de um espaço cuja configuração não decorre do registro nem da dominância visual, mas resulta de movimentos sensoriais baseados em vibração e reverberação, próprias de fenômenos que se deixam repercutir em ondas de intensidades variáveis.

Sabemos que as línguas constituíram não apenas sistemas de relações sociais, territórios vivenciais (como cidades ou Estados) e também sistemas de referências gráficas (como a escrita) que se encaminharam para firmar a noção de espaço como superfície visual. Ainda que a dominante visual domine muitos de seus sistemas conceituais, a cultura desenvolve mecanismos semióticos que estão longe de se limitar a uma dominante sígnica. Do ponto de vista da modelização, os sistemas de signos constituem espaços em expansão – um *logos* que cresce por si mesmo, como entendia Iúri Lótman, graças, sobretudo, a mecanismos seja de multiplicação ou de transformação a que se submetem os signos em trabalho de semiose. Logo, em processos que tais, a noção de espaço é, por excelência, semiótica, uma vez que os elementos envolvidos se desenvolvem, se distinguem, se esclarecem mutuamente e se transformam em variedades complementares.

No espaço semiótico, lidamos com textos, sistemas culturais que sustentam os movimentos de expansão próprios da cultura. Graças ao processo de modelização, muitos dos códigos que se expandiram a partir do sistema lingüístico, não se vinculam a superfícies, nem gráficas nem territoriais, tão marcadamente vinculados às línguas e à escrita alfabética, graças ao qual se consagrou o uso visual do espaço. Em sistemas de

gravação, não obstante, como a gravação do som ou da voz num cilindro, num disco ou numa fita eletromagnética, ocorre algo diferente: o som se torna circuito elétrico para ser devolvido enquanto som. Quer dizer, acontece uma transdução (SEBEOK, 1995; STERNE, 2003; MACHADO, 2011) para que o espaço semiótico do som revela sua natureza acústica. A transdução opera não com elementos visuais mas com frequências, intensidades, vibração. E esse é o uso que a cultura faz do espaço com a exploração da eletricidade – base do que se consagrou como espaço acústico ressonante.

Ao operar no campo dos circuitos e das frequências a partir de um outro vetor espacial que são as intensidades, a eletricidade modeliza um espaço fora das coordenadas visuais, o que implica o desenvolvimento de um repertório crítico de análise e compreensão no quadro de suas qualidades diferenciais. Tanto a noção de espaço semiótico quanto a de espaço ressonante servem a esses propósitos. Disso se convenceu Marshall McLuhan quando, ao entender a natureza da informação elétrica, dimensionou uma outra forma de organização do espaço que ele definiu como espaço acústico ressonante (McLUHAN; POWERS, 1996). A começar pela expansão sensorial tátil dos meios acústicos e audiovisuais cujos códigos elétricos operaram transformações de linguagem em diferentes esferas da cultura.

Se ressonância é um termo que abrange o comportamento de frequências e circuitos do ponto de vista da intensidade, não há como confundí-la com as coordenadas espaciais baseadas em medidas, proporções e topografias, dominantes na conceituação e na imagística espacial da visualidade ocidental, pelo menos, desde o Renascimento. Como bem observou McLuhan, o universo ressonante se vincula a um outro conjunto de manifestações culturais que dizem respeito ao campo unificado de ocorrências que reverberam, portanto, realizam-se em direções distintas. Seu modelo não é o registro, mas o movimento ancestral apreendido em vibrações, tais como o grito ou o som de um tambor, e o movimento elétrico cujo circuito implica, antes de mais nada, simultaneidade de direcionamentos.

Não obstante estejamos diante de dois sistemas de referências distintos – visualidade e ressonância – espaço visual e espaço ressonante constituem os chamados campos de oposições complementares resultante das variáveis envolvidas, como é próprio a toda elaboração de cultura.

Dado o caráter distintivo do espaço ressonante e de seus circuitos criadores de topologias dinâmicas somos desafiados a refazer a pergunta: quais são as bases da interação

entre comunicação e cultura quando o espaço se constitui pela ressonância? Para examinar tal questão, é que recorremos aos estudos sobre o espaço semiótico formulado por Iúri Lótman, particularmente sua compreensão da semiose como processo de transformação espacial e temporal orientado não somente por variações como também pela geração de variáveis culturais. Graças ao entendimento do processo modelizante operado nos meios de comunicação a partir da eletricidade é que foi possível alcançar a amplitude do uso da ressonância como magnitude processual do espaço semiótico no estado atual da cultura. Tal compreensão tem uma história que filia o uso do espaço cujas variações se encarregaram de elaborar variáveis ou informação nova, tal como entendeu Lótman. Seguiremos, pois, tal caminho para examinar a configuração das variáveis do espaço semiótico do ponto de vista da ressonância.

O espaço em suas ampliações culturais

Sob o domínio de estados sensoriais extremamente aguçados, certos organismos de seres que vivem em estado de natureza desenvolvem um sistema de percepção do espaço cujo dispositivo de alerta se encontra em permanente de atenção. Além de cobrir continuamente o espaço com uma visão de 360°, desfrutam das intensas relações que fazem das coordenadas espaciais conjuntos exponenciais de apreensão de vibrações, uma vez que as ameaças podem vir, não apenas de todos os lados, como também com intensidades distintas. Para um sistema perceptual assim organizado, a distinção entre o espaço de um e o espaço do outro só ganha peso e significação em situações de confronto e de luta, quando o alvo da defesa é a própria pele no âmbito de um espaço atual. Nesse caso, a pele torna-se núcleo da propriocepção³ dos constituintes espaciais carregados de qualidades ambientais, visto que nela se imprime a capacidade de transposição de limites de modo a desenvolver-se em espaços de liminaridade que define toda fronteira. Por conseguinte, tanto a convivência quanto a sobrevivência dependem de um modo de viver em consonância com a plenitude multidirecional do espaço e a prontidão sensorial sempre atualizada. Tudo leva a crer que o espaço assim vivenciado desconhece as realizações de cultura que distinguem e separam o que é próprio e o que é alheio para além da superfície da pele.

³ Propriocepção é o termo pelo qual se designa a atividade de informação de cada terminação nervosa, os proprioceptores, sobre os movimentos e posicionamentos no espaço.

Aos seres que desenvolvem linguagem coube um outro desfrute do espaço. Em vez de orientação sensorial baseada em proprioceptores, o usufruto do espaço se realiza, sobretudo, pelo viés de códigos que organizam o espaço a partir de variáveis traduzidas sob forma de conhecimentos, relações e domínios de forças sociais e políticas. Por um lado, se estabelece a diferença entre o que é próprio e o que é alheio; por outro, luta-se para transgredir limites, colocando fronteiras em xeque. Limites, fronteiras, trânsitos de um lugar para o outro e encontros tornam-se os termos da definição do espaço como estado de cultura em movimentos e limiares. Se as linhas, os planos e os ângulos marcam a dinâmica das localizações em superfícies, sem dúvida as línguas protagonizam o papel dos contatos, dos encontros e dos atritos que revelam diferenças nos modos de relacionar-se com o entorno.

Para o semiótico Iúri Lótmán, o espaço assim compreendido define a própria condição antropológica do homem. Segundo seu entendimento,

Toda atividade do homem como *homo sapiens* está ligada a modelos classificatórios de espaço, a sua divisão entre «próprio» e «alheio» e à tradução dos variados vínculos sociais, religiosos, políticos, familiares, à linguagem das relações espaciais (LOTMAN 1996, p. 83).

Com isso, “a ideia de que cada espaço corresponde a seus habitantes – deuses, homens, uma força maligna ou seus sinônimos culturais – é característica inalienável da cultura” (LOTMAN 1996, p. 84). Do ponto de vista da cultura, em vez de multidirecionalidade sempre atualizada, o espaço é vivido como tipologia histórica cabendo às linguagens a constrição em limites de códigos culturais. Na base da distinção entre próprio e alheio se erguem oposições como cultura e não-cultura; cultura e natureza; civilização e barbárie. Por isso, ainda segundo Lotman,

...todos os tipos de divisão do espaço formam construções homomórficas. A cidade (= porção povoada) se opõe ao que se encontra para além de seus muros (bosques, a estepe, a aldeia, a Natureza, o lugar onde habitam os inimigos), como próprio, o fechado, o culto e seguro, ao alheio, aberto, inculto. Desse ponto de vista, a cidade é parte do universo dotada de cultura. Contudo, em sua estrutura interna, ela copia *todo* o universo, tendo seu espaço «próprio» e seu espaço «alheio» (LOTMAN 1996, p. 84).

O estudo da tipologia da cultura conta com algumas variáveis perturbadoras quando se trata de considerar a dinâmica dos contatos e das relações culturais no que se refere ao confronto estabelecido entre seus limites e fronteiras face à dinâmica de seus limiares. Desde que as línguas se tornam os agentes fundamentais na definição de uma cultura e desde que o principal mecanismo de seu funcionamento é o diálogo, a variável mais desestabilizadora das configurações do espaço diz respeito ao mecanismo semiótico da

amplificação dos sistemas comunicativos decorrentes dos processos de expansão da linguagem. Para examinar tal questão tratemos de observar um caso histórico específico: a escalada das línguas geradas no contexto da ocidentalização do planeta, que tanto se encarregaram de instituir as divisões dos Estados nacionais quanto de avançar e romper limites, projetando-se para o além-mar radicalmente outro. A expansão ultramarina a partir do século XV cumpriu, a um só tempo, a ampliação dos limites geográficos e lingüísticos vinculando, definitivamente, os domínios geopolíticos ao espaço semiótico da cultura, marcando a experiência histórica de tudo que vive sob fronteiras.

Se o ponto de partida foi a variação, o que se observa é que no processo emergiram variáveis imprevisíveis. Com a descoberta de novos continentes processou-se uma informação nova, como se pode inferir a partir de Lótman quanto ao entendimento do mecanismo semiótico da cultura. Para além do próprio e do alheio vimos emergir a fronteira de um espaço projetado em função de interesses políticos de dominação e, por conseguinte, tensionado pelo encontro com o outro. Espaço aqui não enfatiza o lugar mas o «límiar» – no sentido de passagem reivindicado por Walter Benjamin – em que o jogo de relações se orienta pelos mecanismos culturais de multiplicação dos contatos, das línguas, linguagens e processos de comunicação cultural para entrar em confronto com os lugares e com suas delimitações de poder e de confrontos. A principal consequência desse fato é a consolidação da fronteira como espaço ambivalente: une e separa o próprio e o alheio. Nesse sentido, “a duplicação do mundo na palavra e a do homem no espaço forma o dualismo semiótico de partida” (LOTMAN 1996, p. 85). Por conseguinte, os homens com suas linguagens e culturas transitam de um lugar para o outro, instauram confrontos no interior dos limites, tensionando as linhas que só aparentemente separam o próprio do alheio. A cultura assim focalizada mostra-se um espaço de encontros, confrontos e, sobretudo, de fronteiras entre superfícies e linguagens culturais.

Ao colocar a ênfase no encontro em confronto, tanto no interior de uma cultura quanto entre diferentes culturas, o conceito de fronteira é dimensionado semiótica e culturalmente e não apenas pela divisão geopolítica. Na verdade, a própria definição geopolítica passa a ser entendida como dinâmica de um espaço cultural semiotizado pelas línguas expandidas e por diferentes sistemas de signos da comunicação cultural desenvolvidos no ocidente, sobretudo, a partir da escrita alfabética. Ao *continuum* das relações espaciais, os sistemas de signos da cultura opõem e deixam emergir confrontos, o que sugere a Lótman a configuração de uma singular dinâmica espacial que ele denomina

«semiosfera». Trata-se, sobretudo, de um espaço de cultura que se entende como fronteira. Nele tanto os seres quanto suas construções, tais como as línguas e os meios de comunicação em geral, dinamizam fronteiras em níveis de distintas constituições, direções e temporalidades, orientados que são pelos encontros culturais. Quanto mais diversificados se revelam os encontros e quanto mais variáveis perturbadoras em confronto, mais complexo se torna o espaço. Imerso na semiosfera, o espaço semiótico assume o funcionamento dinâmico de um sistema liminar. Os encontros culturais por sua vez definem a fronteira como episteme fundamental dos estudos das relações entre comunicação e espaço. Ainda que, de imediato, tenham colocado em crise o lugar, há que se considerar a configuração de limiares e trânsitos próprios à própria noção de frequência e circuitos.

A contribuição da virada espacial

As inquietações em torno das transformações do conceito de fronteira não são privilégio do estudo de Lótmán, ainda que sua compreensão do espaço semiótico do ponto de vista da semiosfera seja sua premissa epistemológica mais desafiadora.

Nos trabalhos que marcaram a chamada «virada espacial» (BODENHAMER, 2010) nas ciências humanas, desde os anos de 1960, particularmente na geografia, os elementos semióticos consagrados pelas linhas e limites tornaram-se o epicentro da revisão conceitual, sobretudo porque nelas se vislumbram, talvez pela primeira vez, os movimentos e confrontos sociais desencadeados por práticas humanas como formas de intervenção em espaços, como procuramos analisar em outro estudo (MACHADO, 2014). Nesse sentido, questiona-se a rigidez dos posicionamentos. Com isso, aquilo que está na margem deixa de ser dimensionado ponto de uma extremidade que divide e separa o centro da periferia. Estar à margem pode não significar estar preso a um lugar nem permanecer do lado de fora mas sim poder mudar para o outro lado e movimentar-se livremente em limiares. Por conseguinte, como nos alerta Henk Von Houtum, passamos a usar “border as a verb in the sense of bordering” (HOUTUM 2005, p. 672), problematizando as noções consagradas em que *border* define delimitação, espaço demarcado, em distinção a *boundary* que enfatiza o espaço de relação e construção social entre diferentes culturas (HOUTUM 2005, p. 672). Mudam-se os termos do diagrama conceitual e conseqüentemente da semiose espacial.

Ao reconhecer que no centro de gravidade do conceito de fronteira acontecem movimentos que modificam o entendimento das práticas sociais de convivência em

espaços, é todo um campo conceitual que passa a reivindicar novos enfrentamentos. Com isso, ainda segundo Houtum, “borders are now pre-dominantly critically investigated as differentiators of socially constructed mindscapes and meaning” (HOUTUM 2005, p. 673). Sem dúvida, o grande impacto de tal entendimento recai sobre o campo dos limites geopolíticos. Em vez de delimitar territórios para defender estrategicamente o que é próprio (leia-se a propriedade de domínios políticos), a fronteira geopolítica é redimensionada e pode ser apreendida para além das linhas em superfícies, no movimento amplificador dos sistemas de signos da cultura. Outras grafias do espaço baseadas em linguagens culturais e da comunicação, incluindo os meios tecnológicos, gravitam em torno das fronteiras, sobretudo porque é na fronteira que se definem os encontros culturais. Chega-se, por um outro caminho, ao que Lótman observara como movimento tradutório no espaço semiótico da semiosfera. Evidentemente que não foi esse o encaminhamento dos teóricos da virada espacial. Contudo é a hipótese particular de nosso trabalho no âmbito do espaço semiótico da semiosfera entendido como matriz epistemológica da relação entre comunicação e espaço.

O quadro de questionamentos acerca do espaço e suas transformações em sistemas de cultura sustenta um questionamento que atravessa diferentes epistemologias assentadas numa pergunta fundamental: Em que medida comunicação se constitui em espaço e como o espaço é constituído pela comunicação? Eis a questão que nos interessa examinar pelo exame do espaço semiótico da liminaridade traduzido pela fronteira em todos os vieses de sua constituição sócio-cultural e política. Com ela perseguimos os caminhos de uma semiótica do espaço orientada pelo uso que o homem faz do espaço entendido agora do ponto de vista das transformações históricas dos sistemas culturais.

Após situar as bases conceituais das formulações lotmanianas, o estudo procura examinar o espaço de fronteira gerado não apenas pelo encontro de línguas e de meios de comunicação que o próprio processo da expansão ultramarina ocidental, sobretudo das línguas européias e da escrita alfabética, instituiu ao reservar aos códigos culturais dominantes o poder de definir domínios geopolíticos. Aquilo que fora evidência no passado tornou-se um problema ou um dilema uma vez que, quando se volta para a expansão tecnológica dos meios de comunicação, os vínculos entre códigos culturais e seus domínios geopolíticos não se revelam tão incisivos. Parece até uma hipótese remota. Aceitar tal distanciamento é ignorar não só a emergência de variáveis de uso do espaço como também o nosso pressuposto teórico fundamental. Afinal, do ponto de vista do espaço semiótico,

todo sistema cultural encontra-se imerso na semiosfera e é modelizado pelos sistemas semióticos em luta em seu interior. Resta-nos, pois, entender como os meios tecnológicos de comunicação semiotizam os domínios geopolíticos e como esses se comportam no espaço semiótico da semiosfera.

Culturalização do espaço semiótico pela ressonância dos meios elétricos

Quando o estudo da semiosfera define o universo da mente pelo espaço semiótico de geração de informação com base na inteligência do sistema cultural, a noção de espaço de informação como lugar de transmissão de mensagem é duplamente questionado. Por um lado, pela fragilidade da noção de transporte, de troca e de circulação automática de mensagens livres de qualquer confronto. Por outro, e como decorrência, pelo enviesamento das relações de poder na semiose da informação em espaços culturais. Lótman desenvolve o exame de suas premissas conferindo ao conceito de fronteira uma dimensão histórico-cultural, elevando-o, por conseguinte à condição de categoria de sua teoria semiótica. Refaz a polarização da tipologia que opõe o próprio e o alheio ou o centro e a periferia, em nome dos encontros culturais capazes de mobilizar as forças em oposição de modo a transformar em cultura aquilo que não se constituiu assim. Tal é a premissa de pensamento que nos orienta no entendimento da culturalização dos meios de comunicação fundados pelo processamento técnico via de regra situado na margem da cultura. Os meios técnicos que transformaram, pela transdução, a informação elétrica em códigos culturais situam-se na abertura de uma escalada transformadora do espaço semiótico da cultura. Se a escrita acompanhou e definiu o espaço da expansão ultramarina, como os meios eletrônicos podem ser entendidos na expansão do espaço semiótico da tecnocultura? Se tal é a questão que atualiza nosso questionamento sobre a dinâmica do espaço semiótico no movimento da cultura, não é senão ela que nos reconfigura as coordenadas históricas de sua constituição cultural. Reatemos, pois, os vínculos que com a experiência histórica que modelizou o espaço visual do ponto de vista da geopolítica lingüística.

Uma das principais conseqüências da expansão ultramarina entre os séculos XV e XVI foi a garantia de controle de vínculos estreitos entre domínios topográficos, lingüísticos e políticos. A cartografia desenhada em superfícies por códigos gráficos da escrita levaram muitos estadistas e governantes a crer que a geopolítica deveria ser a consciência *geo-gráfica* do Estado (MAGNOLI 1990, p. 84). Vale lembrar que Cristovão

Colombo, antes de se tornar navegador, era cartógrafo, habituado, pois, a deslocar-se no espaço a partir da noção de linhas, retas e planos. Comparativamente o caminho que buscamos compreender em termos de tecnocultura eletrônica não se fez à revelia de tais conquistas nem deixou de ser modelizado por elas. Contudo, em vez de linhas, planos e retas, falemos da transdução de ondas, frequências, movimentos e ressonâncias. Chegaremos então aos termos de um espaço configurado como simultaneidade, invisibilidade e multidirecionamento e, conseqüentemente, como categorias da semiótica que constrói códigos gráficos a partir da luz, de circuitos ou simplesmente de padrões geradores de topologias. Marshall McLuhan, em diálogo com seus parceiros como Edmond Carpenter, Edward Hall, Bruce Powers, Harley Parker, denominou um espaço assim configurado de espaço acústico, traduzindo o efeito da ressonância das culturas orais-aurais em modelização audiovisual na tecnocultura, realinhando a historicidade da transformação. Das topografias cartográficas em superfícies, alcançamos os circuitos topológicos de vibrações e frequências, que orienta até mesmo os fluxos históricos.

Como todo espaço semiótico, o espaço acústico em sua versão eletrônica e cibernética é igualmente histórico. O alcance de sua historicidade depende da compreensão do que Lótmán define como culturalização onde não apenas os mecanismos da transformação da informação em linguagem possam ser observados como também reconhecidos no campo dos confrontos de suas fronteiras. Ao se indagar sobre o potencial comunicacional da televisão e seu poder em termos de criação de um modo particular de espaço distinto – não oposto – ao espaço visual da escrita alfabética, McLuhan nos oferece pistas fundamentais do processo de culturalização dos códigos elétricos, como desenvolvemos em outros estudos (MACHADO 2011; 2014b).

Em primeiro lugar situa o grafismo eletrônico da televisão como responsável da geração de um campo sensorial mobilizador muito mais do tato e da audição do que da visão. Na sequência, atribui a tal grafismo a modelização de padrões sígnicos que excedem a linguagem verbal e consolidam o campo das linguagens icônicas. Denomina mosaico às combinações gráficas cinéticas e audiovisuais geradoras das linguagens icônicas onde se faz sentir a presença de códigos explorados em diferentes sistemas culturais tais como a fotografia, o cinema e os meios impressos. Do ponto de vista das linguagens icônicas os códigos elétricos passam a comandar as transformações técnicas em signos, culturalizando a manifestação elétrica técnica. Com isso, graças aos padrões da linguagem icônica, a televisão explora procedimentos que servem para interação em diferentes contextos

culturais. Ninguém pode negar que o processo de globalização e de mundialização da cultura emergem como forças de um jogo geopolítico da modelização eletrônica cujo esteio são os satélites de comunicação.

Se é verdade que os encontros culturais dimensionados a partir dos confrontos dos espaços semióticos configurados – seja pelas línguas, seja pelos instrumentos geográficos – formaram a base a partir da qual se consolidou a relação entre comunicação e espaço num contexto geopolítico, não é menos verdadeira a noção segundo a qual os meios de comunicação imprimiram uma outra dinâmica semiótica ao campo dessa mesma configuração geopolítica, sobretudo quando entra em ação os instrumentos eletrônicos de controle. O espaço contínuo de circuitos elétricos ancorados em padrões de linguagens icônicas estão longe das modelizações operadas em superfícies. Ampliou-se o movimento da terra para o mar e para o ar. Consequentemente, ganhou muito mais evidência de que tudo aquilo que conhecemos como espaço geográfico não é outra coisa senão um campo em que o espaço traduz sua dimensão contínua em signos de sua representação cultural discreta. Com isso, nenhuma interação ou intervenção no conhecimento do espaço contínuo, terrestre ou aéreo, pode prescindir das invenções culturais consagradas pelas “grafias” e grafismos, tais como os contornos do relevo terrestre ou as vibrações sensoriais da atmosfera. Em última análise, os meios eletrônicos escancaram o caráter semiótico e portanto transgressor dos espaços de fronteira aplicados às superfícies geopolíticas.

A percepção do espaço ressonante ultrapassa a noção visual de uma linha que liga dois pontos para se acomodar na noção de campo unificado de movimentos e vibrações, na definição de Marshall McLuhan (McLUHAN; POWERS, 1996). A exemplo das expansões ultramarinas, em que o espaço de fronteiras problematiza as relações topográficas do além-mar desconhecido, as expansões eletrônico-cibernéticas ou informáticas problematizam as relações topológicas das telecomunicações e dos satélites posicionados na atmosfera terrestre. Câmeras, antenas, satélites e redes de teledetecção ou de geolocalização se encarregaram não apenas de varrer o espaço mas, sobretudo, de modelizá-lo em informação codificada capaz de compactá-lo e miniaturizá-lo pela transdução de modo a oferecê-lo sob forma de gráficos bem distintos da codificação de partida. Mapas, fotografias, videografias são transformadas, ou melhor, transduzidas, tanto em infografias quanto em banco de dados de modo a gerar os atuais espaços virtuais das chamadas mídias locativas e de geolocalização, que não deixam de funcionar como satélites miniaturizados em meios específicos como os GPS e smartphones pessoais. O espaço semiótico contínuo é

modelizado por escalas que reduzem as mais amplas proporções e dimensões aos padrões de miniaturas.

Quando o próprio espaço se torna meio é chegada a hora de desvendar as configurações que se reportam às coordenadas topológicas que tomam os posicionamentos apenas como desencadeante dos padrões de referência fluxo dos movimentos e das modelizações. Tudo aquilo que culturalmente se desenvolveu como cineses (*kinesis*) e como cinema torna-se repertório fundamental para se avançar na compreensão do regime de espacialidade do qual nos aproximamos. Nesse sentido, é o cinema com seus códigos audiovisuais os modelizantes do espaço geopolítico cibernético e informático. É pelo viés dos signos cinemáticos que podemos alcançar as vibrações e ressonâncias de tudo que entra em interação e conflito nesse espaço.

Como se pode observar, a culturalização do espaço não se limita a considerar o espaço externo em relação à superfície terrestre. Na verdade, como aprendemos numa grande lição de McLuhan, é próprio das telecomunicações e dos satélites criarem espaços intervalares replicantes: não é apenas o satélite que está no espaço é o espaço que é internalizado criando uma exotopia⁴ em função da simultaneidade do *continuum* espacial. Os meios transformam-se em espaço que é assim culturalizado, implicando-se mutuamente, como na surpreendente imagem fotográfica dos satélites que gravitam em órbita da Terra.

Tal como as línguas culturalizaram os espaços ultramarinos, os meios da comunicação tecnológica culturalizam os espaços por onde as ondas eletromagnéticas e os sinais de redes informáticas e de cabos se movimentam. E é pelos meios atualizados em satélites e antenas que os espaços geopolíticos passam a ser configurados, evidentemente não sem a liderança lingüística da língua geopoliticamente em destaque. No caso do espaço da comunicação cibernética sem dúvida não há como ignorar a modelização geopolítica da língua inglesa, ainda que saibamos das investidas em língua russa e chinesa. Nenhum sensoramento do espaço ressonante pode ser pensado à margem do espaço semiótico em que línguas e linguagens informáticas cumprem a tarefa de modelizar os sistemas culturais em relação na semiosfera.

Considerações finais

⁴ Exotopia é um termo que designa um movimento para fora de um lugar. Na teoria do dialogismo de Mikhail Bakhtin corresponde a tudo aquilo que está fora do campo visual de um personagem mas é constitutivo de sua visão de si mesmo (BAKHTIN, 1989).

Considerar o processo de modelização das linguagens icônicas no contexto de uma tradição cultural de ampliações do espaço semiótico pela transformação dos códigos e sua conseqüente culturalização evidencia, no âmbito desse estudo, a impossibilidade de isolar a dimensão semiótica de seu domínio geopolítico quando se trata de investigar a dinâmica do espaço semiótico. Do ponto de vista das distintas semioses, o espaço geopolítico não apenas modeliza o espaço geográfico e aéreo de informação como também é modelizado por ele. Nesse sentido, a partir do momento em que as cartografias vão aprendendo a dividir o domínio do espaço com sistemas modelizantes tais como o sensoriamento remoto de satélites baseado em signos informáticos processados em programas digitais, o espaço se desliga da superfície *geográfica* para se tornar uma base numérica de dados geradores de topologias. Em vez de linhas, planos e ângulos, o espaço desenvolve-se enquanto codificação de frequências e ressonâncias modelizada em padrões icônicos que permitem alcançar a simultaneidade e invisibilidade como sistema elementar de referencia do espaço ressonante. Os finos traços cartográficos cedem lugar a imagens apreendidas pelo movimento audiovisual de massas e volumes, texturas, densidades, linhas, sons, luminância e ressonância. Em vez de superfície visível, a codificação eletrônico-digital processa o invisível e a reverberação. Definitivamente, a digitalização produz novas espacialidades e, tanto a geografia é transformada em infografia, quanto o espaço de informação se manifesta geopoliticamente como infopoder (SCHLÖGEL, 2007, p. 79).

O que se pode afirmar é que no campo de ressonância, o espaço se define fundamentalmente pela dinâmica dos sistemas de informação, a variável desafiadora da emergência dos novos espaços. Nesse sentido, aquilo que se entendia por limite geopolítico cede lugar a fronteiras no sentido semiótico de modelização de códigos culturais. Com isso, quanto mais o espaço geopolítico mostra-se integrado às línguas, às linguagens artificiais (da geografia, da astronomia, da cibernética, da informática, das ciências do espaço) e aos meios de comunicação mais se confunde com o espaço semiótico imerso na semiosfera.

Referências

BAKHTIN, M.M. A forma espacial da personagem. Autor e personagem na atividade estética. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BODENHAMER, D. The Potential of Spacial Humanities. **The Spatial Humanities. GIS and the Future of Humanities Scholarship**. (BODENHAMER, D.; CORRIGAN, J.; HARRIS, T. M., Eds.). Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2010.

ERLMANN, Veit. **Reason and Resonance. A History of Modern Aurality**. Cambridge: MIT Press, 2010.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HOUTUM, Henk Van. The geopolitics of borders and boundaries, **Geopolitics**, 10: 672-679, 2005.

KEMP, K. K. Geographic Information Science and Spatial Analysis for the Humanities. In **The Spatial Humanities. GIS and the Future of Humanities Scholarship**. Cit.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Trad. M.C.V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.
_____. El texto y el poliglotismo de la cultura. **La semiosfera. Semiotica de la cultura y del texto**. Trad. Desidério Navarro. Madrid: Catedra, 1996.

_____. **La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti**. Ed. e Trad. Simonetta Salvestroni. Venezia: Marsilio, 1985.

LOTMAN, Y.M. **Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture**. Trad. Ann Shukmann. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1971.

McLUHAN, M.; PARKER, H. **O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga**. Trad. Edson Bini e outros. São Paulo: Hemus, 1975.

McLUHAN, M.; POWERS, B. R. Exploraciones en el espacio visual y el acústico. In: McLUHAN, Marshall. **La aldea global**. Trad. C. Ferrari. Barcelona: Gedisa, 1996.

MACHADO, I. Geopolítica dos espaços de informação: percepção, ambiente, ontologia. **Anais do XXI Encontro Anual da COMPÓS**, Juiz de Fora, 2012. WWW.compos.br/biblioteca

_____. Espaços semióticos modelizados pelos meios. **Anais do XXI Encontro Anual da COMPÓS**, Belém do Pará, 2014a. WWW.compos.br/biblioteca

_____. Língua entre linguagens: a argumentação gráfica na comunicação da ciência. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. (Tese de Livre Docência)

_____. Ressonâncias do envolvimento e participação com os meios. **Significação. Revista de Cultura Audiovisual**, n. 29, 2011. WWW.significacao.usp.br

_____. **Vieses da comunicação: explorações de Marshall McLuhan**. São Paulo: AnnaBlume, 2014b.

MAGNOLI, D. **O que é geopolítica**. São Paulo: Brasiliense; Círculo do Livro, 1990.

ONG, Walter Jr. **The Presence of the Word. Studies in the Evolution of Consciousness and Culture**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1967.

SCHLÖGEL, K. **En el espacio leemos el tiempo. Sobre história de la civilización y geopolítica**. Trad. José Luis Arántegui. Madrid: Siruela.

SEBEEK, Th. Comunicação. In *Comunicação na era pós-moderna* (Eduardo Neiva e Monica Rector, orgs.). Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

STERNE, Jonathan. **The Audible Past. Cultural Origins of Sound Reproduction**. Durham; London: Duke University Press, 2003.